

Livros



LISBOA: LIVRO DE BORDO. VOZES, OLHARES, MEMORAÇÕES

José Cardoso Pires, Expo'98 e Dom Quixote

Por uma vez, por uma única e exclusiva vez, ponha a Leitora de lado o seu jornal preferido e agarre na livraria mais perto de si um exemplar deste livro.

Pode ser a sua última oportunidade. Não há memória de um elogio à cidade assim. Antigo e moderno, suave e rude, irónico e firme,

popular e culto, lento e directo, conciso e largo, José Cardoso Pires deambula – a pé e de metro – pela cidade, pela sua cidade, com os olhos e os ouvidos alerta, como sempre nos habituou nos livros e crónicas de jornais que escreveu, mas agora, definitivamente, com o “programa” (uma encomenda é, sempre, muito mais que um pretexto) de falar de Lisboa.

Reconhecemo-lo em cada frase. Exacto, lúcido, conhece como ninguém o chão que pisa. As suas afinidades e afrontamentos ofereceram-lhe pano para mangas para pontuar, na passada, uma bolsa de valores do mundo literário e

artístico, mas também do político e do municipal. Uma cidade de estátuas, pequenos jardins e miradouros, tabernas e flores de calceteiros, bares e mais bares, como no British Bar e o Procópio. Em Lisboa, corvos («legiões de pássaros de taberna»), gatos, e os macacos do palácio da Fronteira são personagens como quaisquer outras. «Corvos santificados, mártires à maré e doutores heréticos a receitarem milagres, espécies destas só em Lisboa. É um povo de cais e fado a cavalo dum diabo complacente, a gente que aqui se faz.» Uma lâmina de saudade corta a vista deste lísbio, quer dizer, traduzindo, deste «praticante vivido de Lisboa»... **Vasco Rosa**